

Robert Louis Stevenson

**A Moralidade da Profissão das Letras
e outras defesas da literatura**

Tradução e nota de leitura
Jorge Bastos da Silva

DERIVA

TÍTULO
A Moralidade da Profissão das Letras
e outras defesas da literatura

AUTOR
Robert Louis Stevenson

TRADUÇÃO E NOTA DE LEITURA
Jorge Bastos da Silva

ISBN
978-972-9250-
REFERÊNCIA
1506007
FORMATO
10x18cm
1.ª EDIÇÃO
DEZEMBRO 2012
DEPÓSITO LEGAL
xxxxxxxxxxx
IMPRESSÃO
Papelmunde

DERIVA EDITORES
Rua de Santo Ildefonso, 85, 5.º, sala 2
4000-468 PORTO
TELEFONE E FAX
351 225 365 145

E-MAIL
deriva@derivaeditores.pt
www.derivaeditores.pt
www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização do tradutor/autor e da Editora.

© Deriva Editores, 2012
© Jorge Bastos da Silva, 2012

COLECÇÃO PULSAR

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, divulga textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luísa Amaral, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO SUPERIOR



Instituto de
Literatura Comparada
MARGARIDA LOSA



Nota de leitura

Robert Louis Stevenson, nascido em Edimburgo em 1850, é sobretudo conhecido do grande público na qualidade de autor de romances históricos e de aventuras, como *A Ilha do Tesouro* (*Treasure Island*, 1881), *A Flecha Negra* (*The Black Arrow*, 1888) e *O Senhor de Ballantrae* (*The Master of Ballantrae*, 1889), títulos que, à semelhança de muitas outras obras de uma certa idade do romance, vieram com frequência a ser lidas e classificadas como literatura infanto-juvenil. Trata-se, por isso, de objectos aos quais a crítica académica prestou uma atenção muito oscilante ao longo do tempo, mas essa circunstância não terá obstado a que hoje se reconheça ser Stevenson uma das figuras mais importantes das Letras escocesas. Stevenson é também o autor dessa obra maior da narrativa gótica que é *O Médico e o Monstro* (*Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, 1886), decerto o seu livro em que mais notoriamente transparece a dimensão sombria e angustiada da mundividência sua contemporânea; e publicou ainda jornalismo, literatura de viagens, poesia e ensaio. Coursou Engenharia e Direito na universidade da sua cidade natal, qualificando-se para o exercício da advocacia mas nunca chegando a praticá-la. Em parte por padecer de doenças respiratórias, e talvez, também, por causa de uma vida pessoal que nem sempre acatou a célebre – mas muitas vezes frágil – respeitabilidade vitoriana,

Stevenson realizou frequentes viagens, nomeadamente à Suíça e às ilhas do Pacífico, e foi na Samoa que acabou por morrer, em 1894.

Na sua produção crítica, Stevenson demonstra uma preocupação permanente em contrabalançar a perspectiva *idealista*, por assim a designarmos, que tem a arte, e nomeadamente a arte literária, como actividade votada a um horizonte de perfectibilidade do humano; a perspectiva *oficinal*, atenta aos aspectos de acabamento técnico que compõem a obra excelente; e a perspectiva *profissional*, que considera a literatura como um ofício no qual se faz carreira e do qual se obtém (algum, não muito) sustento. Perpassa a sua ensaística a noção de que a profissão das Letras é um árduo pugnar contra diversos obstáculos ou adversários: as obrigações da arte, a cedência ao facilitismo, a incerteza da vocação, por um lado; por outro, a indiferença da sociedade, as inclinações arbitrárias do público, a insuficiência dos rendimentos, o (por vezes necessário) recurso ao jornalismo... A tudo isto, como compensação, mesmo como compensação penosa, contrapõe-se a intensidade da vivência associada ao cultivo das artes, a riqueza de *ser* e de *dar* um pouco de literatura.

Stevenson era um profissional da escrita. Alcançou popularidade quase imediata (e, já o lembrámos, tem-na mantido), mas nem por isso enjeitou a tarefa de reflectir com seriedade acerca da “moralidade da profissão das Letras”, de questões de gosto e escola, do “realismo”, da psicologia e da disciplina da criação literária. Sendo geralmente avesso a debruçar-se com ostensivo

tecnicismo analítico sobre as ferramentas do ofício, ainda assim nos legou observações de valia – deixando plasmadas preocupações cuja modernidade compete frisar – sobre a conciliação da integridade criativa com os ditames do mercado, da arte com o sucesso.¹ A ênfase posta no *ethos* da escrita, com menor realce para os aspectos estéticos e para a discussão de procedimentos formais, é um traço definidor do ensaísmo stevensoniano, como é a tónica na “verdade” e na “natureza”, e bem assim o intuito pedagógico de expor as suas convicções para benefício de jovens aspirantes à condição de autor. É de crer que Stevenson considerasse este propósito tanto mais urgente quanto se mostra sensível à possibilidade de o autor profissional ser tentado a trair as mais elevadas exigências morais da arte, confrontado que está com a degradação dos padrões de mérito e de responsabilidade cultural acarretada pela massificação da produção e da circulação do objecto impresso. A seu modo, Stevenson aborda uma questão fundamental, que não perdeu actualidade – antes, porventura, a viu acrescida – desde o momento em que publicou os seus ensaios nos anos de 1880: a de saber se optamos por uma cultura de exigência ou se, pelo contrário, contemporizamos com uma cultura da banalidade, para não dizer da mediocridade. A resposta, para Stevenson, é

¹ Diga-se, porém, dentro da apreciação das características de modernidade reconhecíveis nas posições de Stevenson, que a sua linguagem exhibe marcas de género indiciadoras da ideia pré-concebida segundo a qual o escritor é um homem – dizendo melhor, um cavalheiro – e não uma senhora.

clara. Para nós, hoje, atrevemo-nos a afirmá-lo, também deveria ser.

Sobre a tradução

Dos três ensaios seleccionados para este volume, os dois primeiros foram traduzidos, sob coordenação minha, pelos estudantes do Seminário de Tradução II do Mestrado em Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. No ano lectivo de 2010-2011, participaram no trabalho as estudantes Ana Plácido Oliveira, Edvalda Mendes, Fernanda Almeida Handem, Isabel Lopes, Joana Margarida Teixeira Fernandes e Sara Mendes; no ano lectivo de 2011-2012, os estudantes Isabel Cristina Peixoto Moreira, Juliana Couto Pereira Silva, Nuno Filipe Gomes Soares e Susanne Martins do Paço. A tradução de “A Note on Realism” é minha.

Os textos respeitam a lição que se encontra em Robert Louis Stevenson, *Essays Literary and Critical*, London, William Heinemann, 1925 (The Skerryvore Edition, Volume XXIV). As notas, excepto quando identificadas como sendo da autoria de Stevenson, são da minha responsabilidade; outras intervenções editoriais encontram-se entre parênteses rectos. Para a elaboração das notas foi útil o aparato crítico de Glenda Norquay, ed., *R. L. Stevenson on Fiction: An Anthology of Literary and Critical Essays*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 1999.

A expressão “e outras defesas da literatura”, escolhida para o título do presente volume e de feição algo programática, é da minha responsabilidade. Coloca o ensaísmo de Stevenson numa longa linhagem que percorre a cultura britânica desde a época de Sidney, pelo menos, e até George Steiner. Remete para uma dupla intenção: a defesa da literatura perante aqueles que desconfiam da sua bondade e que a atacam a partir de fora; e a defesa da literatura perante os que a diminuem praticando-a mal, opondo-se a estes uma exigência de critério para o ofício, para a vocação e para a arte.

Jorge Bastos da Silva